

A articulação entre a filosofia analítica e a filosofia continental através de Wittgenstein: filosofia da religião e linguagem

Jungley de Oliveira Torres Neto*

Resumo

o presente trabalho almeja articular a denominada filosofia analítica com a filosofia continental através do filósofo Ludwig Wittgenstein, cuja contribuição repercute na filosofia da religião pelo fio condutor da linguagem. Outrossim, analisar a contribuição do conceito de *jogos de linguagem* como instância situacional de mundo e de sentido do sujeito-situado, enquanto intérprete diante de sua experiência religiosa. Neste percurso, a linguagem será analisada como condição de possibilidade mediadora entre o ser humano e o sagrado, uma vez que através da linguagem o ser humano tem cultura, historicidade, tradição e, propriamente, religião. Em outros termos, a linguagem possibilita significação e sentido ao sujeito, possibilitando-o entendimento, interpretação, compreensão e experiência de mundo.

Palavras- chave: Linguagem; Experiência; Religião; Wittgenstein.

The Articulation Between Analytical Philosophy and Continental Philosophy Through Wittgenstein: Philosophy of Religion and Language

Abstract

The present work aims to articulate the so-called analytical philosophy with continental philosophy through the philosopher Ludwig Wittgenstein, whose contribution has repercussions in the philosophy of religion through the common thread of language. Furthermore, to analyze the contribution of the concept of *language games* as a situational instance

* Doutorando na área de concentração em Filosofia da Religião pelo PPCIR-UFJF. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2021), possui graduação em Filosofia pela mesma instituição- UFJF (2015). <https://orcid.org/0000-0002-6710-2533>. E-mail: jungleyjf@hotmail.com.

of the world and meaning of the situated subject, as an interpreter of his religious experience. In this course, language will be analyzed as a condition of mediating possibility between the human being and the sacred, since through language the human being has culture, historicity, tradition and, properly, religion. In other words, language provides meaning and sense to the subject, enabling him to understand, interpret, understand and experience the world.

Keywords: Language; Experience; Religion; Wittgenstein.

Introdução

Temos consciência da dificuldade de elaborarmos uma reflexão acerca da linguagem, uma vez que, *ab initio*, vivemos, estamos, somos e pensamos nela e com ela. Entretanto, faz-se necessário o exercício de pensarmos na linguagem como condição de possibilidade de mundo. Para este exercício reflexivo, o ponto de partida do presente trabalho será a filosofia analítica e as contribuições fundamentais de Wittgenstein. Inicialmente, será abordado o fato de que a filosofia analítica caminha para uma instância de *pensamento pós-metafísico*, isto é, na desconfiança e rejeição do pensamento de argumentos não verificáveis sobre o conhecimento da realidade. Neste caminho, são desconsiderados os enunciados metafísicos do processo de conhecimento e, por isso, o ponto de partida do presente trabalho será o Círculo de Viena enquanto corrente filosófica antimetafísica.

Diante do caminho pretendido, questões serão pensadas, tais como: se as crenças religiosas não são possíveis de verificação concreta, pode-se afirmar que elas não possuem sentido? Ou, não seriam os sentidos produzidos por crenças religiosas capazes de fornecer dados à análise verificacionista rumo à analítica da religião? Para as reflexões dessas questões, será utilizado, como ponto de partida, o filósofo Wittgenstein e sua obra *Tractatus logico-philosophicus*¹ que apresenta as bases de conhecimentos fundada na compreensão de que as palavras são combinadas em sentenças de modo que a linguagem mostra sua utilidade para descrever os fatos ou estados de coisa. Porém, como ponto de avanço do presente trabalho, será analisada a postura de Wittgenstein

¹ WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. Traduzido por Luiz Henrique Lopes Dos Santos. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

na *Investigações Filosóficas*² e sua constatação de que a linguagem não serve apenas ao propósito de descrever o mundo, mas ela, a linguagem, é múltipla em significados e sentidos de acordo com os diferentes contextos e *jogos*.

Neste rumo, advém os *jogos de linguagem*, que diz respeito ao modo pelo qual as palavras adquirem significado de acordo com os diferentes usos em que são empregadas. O que corrobora o fato de a tarefa da filosofia não ser somente de análise lógica da estrutura da linguagem ou de ser somente descritiva e verificacionista, mas como condição de possibilidade situacional, onde os *jogos de linguagem* são a própria abertura de mundo e de sentido do sujeito-situado/ intérprete. Em suma, passa-se da obra *Tractatus Logico-Philosophicus* e da indagação sobre a estrutura última da realidade ancorada na linguagem analítica/lógica à *Investigações Filosóficas* e à compreensão de que não existe apenas um tipo de linguagem, isto é, no reconhecimento e cunhagem do conceito de *jogo de linguagem* que passa a ocupar um lugar central no pensamento deste filósofo.

Neste desiderato, pelo fio condutor do conceito de *jogo de linguagem*, Wittgenstein propõe pensar a linguagem não como operações lógicas e formulações teóricas, mas como instância prática situada na vida concreta. Nesta concretude a noção de linguagem é múltipla. No que diz respeito a sua relação com a religião, será abordado o fato de que a linguagem religiosa se constitui como o próprio vínculo entre o ser humano e aquilo que ele se relaciona e o fato de que a linguagem religiosa não se limita ou se esgota em palavras, pois existe, até mesmo, o saber que fica sempre às margens do não-dito quando se diz algo. Essa transcendência da linguagem aponta para o fato de que não se esgota, de maneira nenhuma, o sentido e significado das experiências religiosas a enunciados ou conceitos, mas, pelo contrário, a linguagem é a própria condição de possibilidade da experiência e do discurso religioso.

Como consequência do que se propõe, será analisada a noção de experiência religiosa intermediada pela linguagem: cultura, valores prévios, historicidade, interpretação, compreensão, isto é, o fato de que os

² WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Traduzido por Gertrude Elizabeth Margaret Anscombe; P.M.S Hacker; Joachim Schulte. 4. ed. Malden, USA; Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

contextos culturais, sociais e religiosos, delimitam os *jogos de linguagens* do ser-situado diante de sua religião. Mais precisamente, a experiência religiosa é contextual e possui suas diretrizes, orientações e preceitos e isso Wittgenstein denomina de *jogo de linguagem*. O que corrobora o fato de que o contexto do ser-situado diante de sua religião traz significações, sejam: culturais, sociais, históricas e de valores, ancorados em uma linguagem própria. Mais precisamente, a linguagem dentro de suas regras e de seus contextos é *jogada* e permite um compartilhamento, um movimento de *feedback*, entre aqueles que a *jogam*, possibilitando, assim, a relação e compartilhamento dos envolvidos neste *jogo*.

1. Do Círculo de Viena e a crítica à metafísica aos *jogos de linguagem* de Wittgenstein

O Círculo de Viena se refere ao grupo de filósofos que se juntaram informalmente na Universidade de [Viena](#) entre os anos de [1922](#) a [1936](#). A crítica à metafísica e ao dogmatismo iniciada por Emmanuel Kant teve continuidade neste grupo e se despontou no século XX, donde o pensamento intelectual e o sistema filosófico deste grupo fora denominado de *Positivismo Lógico*, *Empirismo Lógico* ou *Neopositivismo* rumo à filosofia analítica, à guisa de exemplificação: os trabalhos de Gottlob Frege e Bertrand Russell sobre os fundamentos lógicos da matemática, no final do século XIX (PORTUGAL, 2010, p. 82). Este movimento e sua repercussão se encaminham para o pensamento pós-metafísico, que pode ser entendido, nesta tradição, como o pensamento que rejeita toda pretensão de fundamentar argumentos não verificáveis sobre o conhecimento da realidade. Mais diretamente, o pensamento pós-metafísico designa à negação da metafísica, à negação de explicação sobrenatural das coisas e à negação aos conceitos absolutos que fundamentam a realidade (OUELBANI, 2009, p.8).

É patente que o Círculo de Viena, enquanto movimento cultural, representa grande influência no pensamento ocidental e traz marcas profundas à filosofia. Este movimento cultural tem por objetivo desenvolver uma nova filosofia da ciência com espírito rigoroso (rigor científico), por intermédio de uma análise lógica da linguagem. Podemos dizer que estamos diante de uma proposta semântico-verificacionista. Em

outros termos, é analisado o sentido de uma proposição, sua condição de possibilidade e suas circunstâncias de verdade ou falsidade.

Nas palavras da especialista Mélika Ouelbani:

Não obstante, apesar de todas as divergências, praticamente todos os filósofos desse círculo recusavam-se a ser classificados como positivista, a fim de que seu movimento não pudesse ser associado ao positivismo de Comte, que eles consideravam uma espécie de metafísica, ou até mesmo de “verdadeira religião”. Contrariamente a isso, o propósito deles era fazer da filosofia uma disciplina científica oposta a toda “especulação” e a todo dogmatismo. A esse respeito Schlick declara que, eventualmente, até podia concordar com a classificação de “positivista”, desde que ela fosse sinônimo de negação de toda e qualquer metafísica (OUELBANI, 2009, p.10)

Diferente do positivismo de Auguste Comte, considerado metafísico pelos analíticos, onde o ser humano se apoia em explicações *sobrenaturais* e não possíveis de verificação, o pensamento do Círculo de Viena busca uma análise mais verificacionista. Surge, então, algumas problemáticas: enunciados do tipo “Deus é perfeito” ou “A alma é imortal” são considerados problemáticos, pois já que não poderiam ser suscetíveis de verificação, seriam sem significação. Mais diretamente, os enunciados citados anteriormente poderiam ser gramaticalmente corretos, mas seriam considerados pseudo-enunciados, por não poderem ser verificados e estarem fora do domínio do conhecimento. Deste modo, “a negação da significância cognitiva do discurso religioso foi sobretudo uma consequência da aplicação à religião do verificacionismo introduzida pelo positivismo lógico” (MICHELETTI, 2007, p.27).

Se o método verificacionista visa à análise de evidenciadas e, por conseguinte, examinar a veracidade das formas e dos conteúdos para designar sua verdade ou falsidade, seja através da observação ou da averiguação de enunciados gerais que são decompostos em enunciados elementares referentes ou congruentes à natureza, onde, neste caminho, são desconsiderados os enunciados metafísicos do processo de conhecimento, isto é, existe a postura antimetafísica do Círculo de Viena, como, porém, abordar crenças religiosas não possíveis de verificação concreta, mas que possui inegável sentido? Ou, por conseguinte, não seriam os sentidos produzidos por crenças religiosas capazes de fornecer dados à análise verificacionista rumo à analítica da religião?

Neste percurso, o Círculo de Viena por propor uma metodologia verificacionista e estabelecer uma nova filosofia de rigor científico, não deve tentar resolver questões ligadas ao real, mas tomar como objeto a própria ciência e com método “a análise lógica de suas noções, de suas proposições, de suas teorias e de suas demonstrações” (OUELBANI, 2009, p.25), mas sem prescindir a possibilidade de significação e sentido encontrado em uma determinada cultura. Essa filosofia se define, então, como a sintaxe e semântica da linguagem científica. Embora na tradição filosófica a reflexão sobre o âmbito da linguagem estivesse presente, ela começou a desempenhar um papel central na filosofia no final do século XIX e encaminhando-se para o século XX a filosofia da linguagem tornou-se tão central que em alguns círculos de filosofia analítica os problemas da filosofia em geral foram tratados como problemas de filosofia da linguagem.

Neste rumo, Ludwig Wittgenstein constitui a coluna da filosofia analítica em suas vertentes da filosofia das ciências ou da teoria do conhecimento (OUELBANI, 2009, p.139). Wittgenstein aborda muito bem a filosofia na atividade de elucidação da linguagem e sua postura é, fundamentalmente, crítica e, por isso, embora ciência ela se designada filosofia. De modo inicial o filósofo Wittgenstein, na obra *Tractatus*, apresenta as bases de conhecimentos fundada na compreensão de que as palavras são combinadas em sentenças para formar uma *pintura* e/ou *modelo* de possíveis estados de coisas no mundo. Deste modo, a linguagem seria útil para descrever os fatos ou estados de coisa (WITTGENSTEIN, 2017, p.45). O autor, inclusive, em sua obra citada anteriormente, no penúltimo aforismo, utiliza-se de uma analogia e faz menção a uma escada que deve ser jogada fora depois que se subiu por ela (WITTGENSTEIN, 2017, p.129)., o que pode ser entendido que a filosofia é essa escada capaz de proporcionar a descrição da estrutura lógica do mundo e da linguagem, porém, quando ela cumpre o seu papel, sua função se encerra.

Entretanto, Wittgenstein em suas reflexões filosóficas sobre a linguagem muda radicalmente sua concepção, conforme pode ser observado nas *Investigações Filosóficas*, o pensador constata que a linguagem não serve apenas ao propósito de descrever o mundo, mas ela, a linguagem, é múltipla em significados e sentidos de acordo com os diferentes contextos. Neste rumo, advém os *jogos de linguagem*, que diz respeito ao modo pelo qual as palavras adquirem significado de acordo com os diferentes usos em que são empregadas. O que corrobora o fato de

a tarefa da filosofia não ser somente de análise lógica da estrutura da linguagem, ou de ser somente descritiva e verificacionista, mas como condição de possibilidade situacional, onde os *jogos de linguagem* são a própria abertura de mundo e de sentido do sujeito-situado/intérprete.

Outrossim, constata-se o fato de que a linguagem em nosso século já não é mais una e única, e sim muitas e múltiplas, ela é objeto dos filólogos e linguísticos; é condição de objetivação e reflexão para os filósofos; é estrutura do inconsciente para os psicanalistas; é o mistério a ser desvelado ou interpretado para os hermenêuticos; é o fundamento dos signos linguísticos numa consciência de. para os fenomenólogos e, fundamentalmente, no âmbito da religião a linguagem é o modo de se relacionar com o sagrado, seja através da linguagem da oração, da adoração, do rito, tudo passa pela auto-implicação da linguagem, não como uma linguagem descompromissada, abstrata, que fala só do objeto em si mesmo, mas que situa e possibilita a relação do sujeito face ao sagrado. De fato, a linguagem é múltipla e possui, como alertara Wittgenstein, seus “jogos”, não sendo e nem se restringindo a simples verificação ou representação da realidade, dos pensamentos ou conceitos, mas, antes, ela passa a ser compreendida, gradualmente, como o nosso modo de se relacionar com o mundo do ponto de vista prático e cognitivo.

1.1. Os jogos de linguagem como condições de possibilidade de mundo do ser-situado

Diante da obra *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein é percebida a indagação sobre a estrutura última da realidade, é, portanto, ancorada na linguagem uma teorização rígida sob à égide da lógica, isto é, a linguagem lógica é saber de reflexão crítica à atividade filosófica. Neste tratado, percebe-se que Wittgenstein se influencia em Bertrand Russell e relaciona princípios fundamentais da lógica com a linguagem, mais precisamente, existe uma relação entre lógica, mundo e linguagem. De um lado temos o mundo e suas multiplicidades de fatos, e de outro lado temos a linguagem que tenta falar sobre esse mundo e nesse entremeio existe a forma lógica de análise.

Neste rumo, as frases podem ser descritas em proposições lógicas e, por conseguinte, serem analisadas como falsas ou verdadeiras. Cada nome da proposição deve possuir uma referência na realidade, isto é, figurar algo no mundo; não se pode dizer os nomes tenham correspondência na realidade, o que gera muitos problemas, à guisa de exempli:

o discurso religioso que não pode ser verificado em sua possibilidade de existência e, então, nada poderia ser dito sobre ele. Nesse sentido, no *Tractatus Logico-Philosophicus*, a concepção de proposição como figuração é encarada como uma exigência, visto que todas as proposições devem ser figurações (WITTGENSTEIN, 2017, p.62).

É perceptível a preocupação de Wittgenstein pela linguagem e isso gera muitas reflexões no pensador austríaco: como pode uma palavra indicar algo para além dela? Wittgenstein, no entanto, caminha para compreensão de que não existe apenas um tipo de linguagem, abandonando a rigidez da lógica formal contida em seu primeiro projeto (*Tractatus Logico-Philosophicus*) e admitindo novas possibilidades de construção de sentido. Nesse contexto, surge nas *Investigações Filosóficas* o conceito de *jogo de linguagem*, que passa a ocupar um lugar central no pensamento deste filósofo. Através do conceito de *jogo de linguagem* Wittgenstein propõe pensar a linguagem não como operações lógicas e formulações teóricas, mas sim como instância prática situada na vida concreta, revelando, assim, o seu caráter dinâmico e múltiplo:

Há incontáveis espécies diferentes da aplicação daquilo a que chamamos “símbolos”, “palavras”, “proposições”. E esta multiplicidade não é nada fixo[...] [novo parágrafo] A expressão jogo de linguagem deve aqui realçar o facto de que falar uma linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida (WITTGENSTEIN, 2009, p.26).

Diante deste reconhecimento, de múltiplas linguagens e de seus jogos, a linguagem é entendida de modo situacional, em seus variados contextos ela exerce o seu papel linguístico, de determinadas expressões e, propriamente, de um determinado *jogo de linguagem* com o seu sentido próprio e situacional. Para o autor, o dogmatismo ou confusão metafísica acontece pelo fato de se gerar uma má-compreensão do papel que desempenha o ideal na nossa linguagem pois não se reconhece as inúmeras possibilidades conceituais e contextuais da linguagem (WITTGENSTEIN, 2009, p.82).

Neste percurso, pode-se dizer que: problemas filosóficos são problemas de linguagem ou, a partir de Wittgenstein, os limites de nossa linguagem são também os limites de nossos pensamentos. Isso porque o contexto de pensamento do ser-situado é permeado por linguagem, mesmo que este ser-situado não se importem com as questões linguísticas, ele está imerso naquilo que ele herda de linguagem, isto é, em

seus *jogos de linguagem*, trata-se, portanto, de suas possibilidades e de seus limites de compreensão da/na linguagem em que ele está situado.

Outrossim, existem várias linguagens coordenadas e governadas por suas leis e regras das quais perfazem os parâmetros aceitáveis e utilizáveis pelo sujeito situado, de modo a exemplificar: como se usa uma bola? Logo, responder-se-á: depende do jogo; com as palavras ocorre o mesmo, as regras de linguagem, seu uso e tudo aquilo que a envolve, a linguagem e sua utilização depende de seu contexto, de sua prática linguística e de seus aspectos culturais e sociais dos envolvidos nesta ‘linguagem situacional’. Mais precisamente, a linguagem é uma vasta quantidade de práticas com regras próprias, não existe uma única regra lógica formal para linguagem, como pensara Wittgenstein em sua primeira fase, mas existe os *jogos de linguagem* que delimita os pensamentos humanos dos envolvidos, pois conforme Wittgenstein percebe na afirmação 5.6 do *Tractatus*: “Os limites de minha linguagem são os limites do meu mundo” (WITTGENSTEIN, 2017, p.111).

O que provém do que foi exposto no presente texto é a compreensão de que as experiências religiosas também são mediadas. Porém, se as experiências religiosas, acepções e ideias humanas de mundo são contextuais e mediadas, o que às mediam? Postula-se, a partir de Wittgenstein, que a mediação é a própria linguagem. Isto é, os contextos culturais, sociais e religiosos, em seus *jogos de linguagem*, proporcionam ao ser-situado as vivências de mundo experienciadas. Por conseguinte, a experiência religiosa é contextual e, por ser contextual, ela traz em si significações culturais, sociais, históricas e de valores, onde essa estrutura pré-compreensiva se perfaz pela linguagem. O que faz a linguagem não se limitar às noções lógicas, gramaticais e ao âmbito do apofântico, mas em ser símbolo, imagem, significação, sentido e, fundamentalmente, intermediação de relação entre o intérprete e o sagrado, bem como em ser a condição de possibilidade discursiva/narrativa àquela experiência.

1.2. Linguagem e experiência religiosa

Após o exposto nos tópicos anteriores, percebe-se que as experiências humanas não são somente subjetivas, mas existe uma objetividade: o pano de fundo histórico que se soma ao sujeito e a sua capacidade de dar sentido às coisas. Neste sentido, a fé religiosa, mesmo que não seja passível de verificação factual, não pode ser designada de pseudo-

-fé, pois não se trata de designá-la como *verdadeira* ou *falsa*, mas sim de admitir o seu inegável sentido. Em outros termos, a experiência religiosa e a fé que se atribui a ela não pode ser designada de superstição, mas deve ser levada em consideração o seu *horizonte histórico* e o ser-situado diante daquele contexto de fé. Porém, para abordar a questão da religião, e partir de uma analítica da religião à compreensão do sentido de religião, depara-se com o problema etimológico do termo: o que é religião?

O especialista Frederico Pieper nos auxilia em seu trabalho textual *Religião: limites e horizontes de um conceito* e nos aponta que o termo “Ciência(s) da(s) Religião(ões)” é questionável, pois: “Se, por um lado, o plural *ciências* reconhece essa diversidade de metodologias e aproximações, a singular religião põe revelo que há essa ‘coisa’ que atende por esse nome” (PIEPER, 2019, p.7). É preciso ter cautela quanto a definição do termo, pois como indica Pieper, na própria busca da etimologia do termo religião, temos que ter entendimento que o termo “é constitutivo do léxico ocidental, não encontrando correspondentes em muitos sistemas linguísticos”. Ou seja, até a compreensão que temos sobre as pessoas ditas “religiosas”, não conhecem o termo em sua própria língua que corresponda a essa “coisa” (PIEPER, 2019, 18). A dificuldade de delimitar o termo religião também diz respeito ao fato de que o termo não é neutro, mas, sim, carregado de sentido, história e cultura, por essa razão possui seu horizonte e, ao mesmo tempo, seus limites:

Quanto às tendências de abordagens da religião, Pieper afirma: A partir desse desenho, há três possibilidades de articulação do fenômeno religioso. Ele pode ser reduzido a outra esfera social. Nesse sentido, a religião teria sentido e função que não é propriamente religiosa, mas é atinente a outro aspecto. Outra perspectiva é empregar a religião como um meio para se compreender unidades maiores, como a cultura e a sociedade. E, por fim, a religião pode ser compreendida como esfera social autônoma, buscando explicar a religião a partir dela mesma (PIEPER, 2019, p.15).

Notamos, através do exposto, que o termo religião é abrangente e polissêmico, tem seus horizontes e, ao mesmo tempo, seus limites, a designação de religião aponta às manifestações culturais, simbólicas, ri-

tuais, podem dizer respeito também a atitudes religiosas das pessoas, das instituições com suas doutrinas, bem como “não diz respeito somente a esses aspectos mais visíveis da religião, mas se liga à interioridade do sujeito, à experiência religiosa” (PIEPER, 2019, p.18). Neste sentido: “Religião é uma atitude do espírito em que elementos práticos, teóricos e emocionais estão unidos para formar um todo complexo” (TILLICH, 1973, p. 160), o que nos aponta à compreensão de que o termo religião se manifesta multiplamente e, por isso, não é possível defini-lo de modo categórico e estático

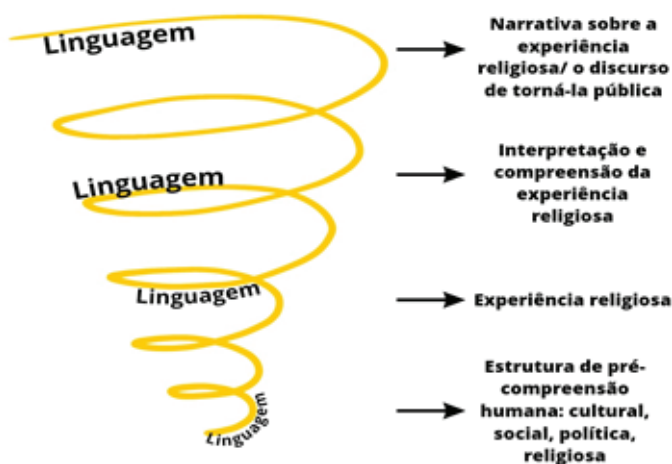
Neste caminho, reside o ponto de avanço do presente trabalho: a reflexão sobre experiência religiosa e linguagem. Quem tem fé e demonstra esse sentido de fé em sua vida, entrega-se à experiência sagrada. Deste modo, a experiência religiosa se coloca além do âmbito do apofântico: de uma análise lógica de verdade ou falsidade. Talvez, por isso, Wittgenstein diz que: “Pensar no sentido da vida é orar” (WITTGENSTEIN, 2009, p. 99), visto que o ato de orar deixa de lado qualquer teoria científica e a relação entre o sujeito em questão e o sagrado está auto-implicada e possui incontroverso sentido para o orador, conforme nos aponta Phillips em relação à religião: “Orar a um Deus por quem todas as coisas são possíveis, é amar Deus em qualquer que seja o caso” (PHILLIPS, 1981, p. 130). A oração do sujeito crente diante de sua religião é uma atitude de entrega à relação e à participação com o sagrado, dentro de uma linguagem contextual.

Neste sentido, de modo a exemplificar, o filósofo americano Steven Katz em seu texto *Linguagem, Epistemologia e Mística* de 1978³ aponta que existem: (1) a experiência religiosa; (2) a narrativa da experiência e/ ou o contar da experiência; (3) e o que os estudiosos estudam. Essas instâncias são mediadas pela linguagem, sejam por: contextos culturais, sociais e, propriamente, religiosas, isto é, as experiências religiosas são vivenciadas, interpretadas e compreendidas de modo contextual. Mais precisamente, no que diz respeito à experiência religiosa, de um lado existe o intérprete diante do mundo - suas condições de possibilidades e, em paralelo, existe a sua tradição e historicidade, isto é, o pano de fundo histórico no qual o intérprete encontra-se inserido.

³ KATZ, Steven. ‘Language, Epistemology, and Mysticism’ In: KATZ, S. (ed). *Mysticism and Philosophical analysis*. New York: Oxford University Press, 1978.

Outrossim, Steven Katz aponta à experiência religiosa como experiência situacional, de modo que, por exemplo, as experiências sejam dos budistas que experimentam o nirvana, ou dos cristãos como Joao da Cruz e Santa Tereza que se encontram com Jesus, ou dos judeus que tem a experiência do ser celestial tal como descrita na bíblia não mediadas por um contextos de tradição que já é em si linguagem, e esta é a própria condições de possibilidade epistemológica e ontológica da referida experiência religiosa.

De modo a exemplificar, será proposto a seguir um esquema didático ilustrativo que se denomina de estrutura ontológica, onde será percebido que do início ao fim do espiral ascendente existe a presença da linguagem como fio condutor, isto é, desde a estrutura ontológica da pré-compreensão (o contexto histórico do ser-situado) até a possibilidade interpretativa e discursiva desta experiência religiosa a linguagem está presente e é intermediária. Segue o modelo esquemático:



Percebe-se que a experiência religiosa é contextual e, por ser contextual, ela traz em si significações culturais, sociais, históricas e de valores, onde essa estrutura pré-compreensiva se perfaz pela linguagem. A linguagem se faz presente na pré-experiência, pois ela é o

símbolo, à imagem, à ideologia e às visões prévias do intérprete, bem como a mediação de relação entre o intérprete e o sagrado, bem como a condição de possibilidade discursiva/ narrativa daquela experiência. De modo mais preciso, existe uma relação visceral entre a estrutura da pré-compreensão, isto é, situacional, dotada de significação com a estrutura da compressão, pois dizer que “uma pessoa experimenta x” é também reconhecer que tal experiência depende em parte do que é x, na medida em que o que x é em si mesmo, ou pelo menos em parte, determinado por uma consciência contextual.

Katz diz:

Como consequência dessas vantagens hermenêuticas, é possível respeitar a riqueza dos dados experimentais e conceituais envolvidos nesta área de preocupação: “Deus” pode ser “Deus”, “Brahman” pode ser “Brahman” e *nirvāṇa* pode ser *nirvāṇa* sem qualquer tentativa reducionista de equiparar o conceito “Deus” ao de “Brahma”, ou “Brahman” ao de *nirvāṇa*. Esse respeito pela evidência relevante, tanto experimental quanto conceitual, é um elemento essencial no estudo da mística que é desconsiderado apenas por risco do filósofo (KATZ, 1978, p. 66).

A experiência religiosa acontece pelo fio condutor da linguagem. A linguagem é o vir à luz das coisas e nela se realiza a compressão. Conforme já apontara Agostinho: “*Dixitque Deus ‘fiat lux’ et facta est lux*” / disse Deus: haja luz, e luz foi feita” (AGOSTINHO, 2005, p. 284/ *Comentário ao Gênesis*). Nesta ocasião, o pensador Agostinho ao traduzir a palavra grega *λόγος* (*lógos*), proveniente do evangelho de João: “No princípio era o *Lógos*, e o *Lógos* estava com Deus, e o *Lógos* era Deus” (AGOSTINHO, 2005, p.9) opta pelo termo *Verbo*, conforme a tradução latina e assim consegue fazer uma aproximação dos textos do Antigo e do Novo Testamento, haja vista que o vocábulo *lógos* se encontra intimamente ligado ao termo *ἀρχή* (*arquê*), palavra grega usada para designar a gênese. *Lógos*, habitualmente traduzido como razão, é percebido por Agostinho também à designação de Palavra de Deus, o criador não apenas do mundo, mas também da Palavra, pois *haja luz* é a primeira Palavra de Deus referida na *Bíblia*. De modo sintético, a partir de Agostinho, pode-se inferir que no princípio era *linguagem*; e depois de dois mil anos a linguagem continua a ser pensada como o princípio

e como condição de possibilidade desse *vir à luz*, da interpretação, da compreensão e do entendimento humano de mundo.

Desde o princípio nosso estado de não compreensão ao movimento inicial de pré-compreensão o entendimento está ancorado na linguagem, pois a mesma é a intermediária da compreensão humana de mundo. Mais precisamente, a compreensão humana acontece na linguagem. Não se trata de uma experiência somente linguística, mas através da linguagem o ser humano experiencia o mundo e, por conseguinte, à religião. E essa experiência religiosa vai além de uma análise filológica, verificacionista, cientificista e das amarras lógicas e abre-se para significação de sentidos que acontece na multiplicidade da linguagem ou, para usar o termo de Wittgenstein, em seus *jogos de linguagem*, de modo dinâmico e ascendente.

Considerações finais

Temos noção de que a experiência religiosa é um dos temas centrais na Ciência da Religião e abordar essa temática não é tarefa fácil. Para tal tarefa reflexiva, utilizamos como ponto de partida o filósofo Wittgenstein, sua obra *Tractatus*, e uma abordagem analítica da linguagem que oportunizou problematizar algumas questões de significação e sentido da experiência religiosa além daquilo que pode ser *verificado*. Em um segundo momento, como ponto de avanço do presente trabalho, foi percebida a mudança de postura de Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas*, mais precisamente, a constatação de que a linguagem não serve apenas ao propósito de descrever o mundo, mas ela é múltipla em significados e sentidos de acordo com os diferentes contextos e *jogos*, sendo condição de possibilidade de mundo e de compreensão.

No desenvolvimento textual do presente trabalho, surge o importante conceito de *jogos de linguagem*, que diz respeito ao modo pelo qual as palavras adquirem significado de acordo com os diferentes usos em que são empregadas. O que corrobora o fato de a tarefa da filosofia não ser somente de análise lógica da estrutura da linguagem ou de ser somente descritiva e verificacionista, mas como condição de possibilidade situacional, onde os *jogos de linguagem* são a própria abertura de mundo e de sentido do sujeito-situado/intérprete.

Neste desiderato, o fio condutor de reflexão foi o conceito de *jogo de linguagem* que se coloca como intermediária na experiência religiosa entre o sujeito e o sagrado, possibilitando à relação sujeito e objeto e/ ou sua referência, seja de oração, culto, sacrifício, devoção, afeição ou qualquer ato de fé. Constatando o fato de que a experiência religiosa é um ato relacional, isto é, que indica uma relação, seja de uma consciência que se dirige a algo, de alguém que se projeta para algo/ alguém, ela estabelece uma relação entre duas ou mais coisas, onde a instância mediadora é a linguagem, seja: cultural, social, à historicidade, à significação e o sentido que dela advém.

Em suma, temos as experiências religiosas, suas narrativas e os seus estudos, onde tais instâncias acontecem em contextos culturais, sociais e em tradições religiosas que são vivenciadas, interpretadas e compreendidas de modo contextual, isso nos remete ao fato de que essas experiências religiosas são mediadas pela/ na linguagem. De um lado existe o intérprete diante de sua religião e em paralelo existe à sua tradição e historicidade, isto é, o *pano de fundo histórico* no qual o intérprete está inserido. O que liga/intermedia essas duas partes: intérprete e tradição é a linguagem, que é desde o princípio possibilidade de entendimento, interpretação, compreensão e, por isso, desde o início ela é também ocupação de investigação de grandes filósofos, cientistas da religião e de notórios pensadores.

Referências

AGOSTINHO, Santo. Comentário Literal ao Gênesis. In: **Comentário ao Gênesis**. Trad. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.

GRECO, C. **A Experiência religiosa: Essência, valor, verdade: um roteiro de filosofia da religião**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2009.

JAMES, William. **The varieties of religious experience**. Nova York: Longmans, 1958.

KATZ, Steven. 'Language, Epistemology, and Mysticism' In: KATZ, S. (ed). **Mysticism and Philosophical analysis**. New York: Oxford University Press, 1978.

MICHELETTI, Mario. **Filosofia Analítica da Religião**. Traduzido por José Afonso Beraldin. São Paulo: Loyola, 2007.

OUELBANI, Melika. **O círculo de Viena**. Traduzido por Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PIEPER, F. Experiência religiosa e linguagem: considerações hermenêuticas. In: **Síntese**, Belo Horizonte, v.38, n.122, 2011.

PIEPER, F. *Religião*: limites e horizontes de um conceito. In: **Estudos de Religião**, v.33, n.1, 2019.

PHILLIPS. D. Z. **Wittgenstein e Religião**. Traduzido por Marciano Adilio Spica. Editora Reflexão/ABFR, 2021.

PORTUGA, A. Filosofia Analítica da Religião como Pensamento Pós-”Pós-Metafísico”. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, p. 80-98, 2010.

SHARF, Robert. Experience. In: TAYLOR, Mark C. **Critical Terms for Religious Studies**. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

TILLICH, Paul. **Le Christianisme et les Religions**. Paris: Editions AubieMontaigne, 1968

TILLICH, Paul. **What is Religion**. New York, Evanston, San Francisco, London : Harper and Row, 1973.

WITTGENSTEIN. L. **Diarios**; Conferencias. Editorial Gredos, S. A., 2009.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. Traduzido por G.E.M. Anscombe; P.M.S Hacker; Joachim Schulte. 4. ed. Malden, USA; Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

WITTGENSTEIN, L. **Tratado lógico-filosófico & Investigações Filosóficas**. Traduzido por M. S. Lourenço. 6. ed. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus**. Traduzido por Luiz Henrique Lopes Dos Santos. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

Submetido em: 28-2-2023

Aceito em: 16-8-2023